

## GENOGRAMA EM ARTETERAPIA COMO MAPA DAS RELAÇÕES FAMILIARES DE DEPENDENTES DE DROGAS

*Genogram in Art therapy as a map of family relationships of drug addicts*

*Genograma en Arteterapia como un mapa de las relaciones familiares de los drogadictos*

Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres<sup>1</sup>  
Lílian Thaís Veras de Carvalho<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo deste estudo é descrever as relações familiares na visão do dependente de drogas, a partir do desenho do genograma em Arteterapia. Estudo exploratório e descritivo de abordagem mista, realizado em um Centro de Atenção Psicossocial. Foram utilizados os seguintes instrumentos: o desenho projetivo e o genograma, um inquérito sobre o desenho e/ou genograma. Os dados obtidos a partir dos genogramas foram organizados e agrupados em unidades temáticas por núcleos de similaridade, a partir da análise de conteúdo temática. Participaram do estudo 35 usuários. Após a análise dos genogramas, com as respostas sobre eles foi possível identificar três categorias, a saber: (a) relações familiares funcionais e com vínculos afetivos próximos; (b) vínculos afetivos disfuncionais e conflituosos; e (c) sentimentos de ambivalência frente às relações familiares. O genograma em Arteterapia pode ser uma ferramenta de Reabilitação Psicossocial dirigido aos usuários e/ou a seus familiares, que objetivem a diminuição da vulnerabilidade do transtorno.

**Palavras-chave:** Terapia pela Arte. Relações Familiares; Assistência à Saúde Mental. Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias. Enfermagem Psiquiátrica.

### ABSTRACT

The aim of this study is to describe family relationships in the view of drug addicts, from the genogram design in Art therapy. Exploratory and descriptive study of mixed approach, conducted in a Psychosocial Care Center. The following instruments were used: projective design and genogram, a survey on the design and/or genogram. The data obtained from the genograms were organized and grouped into thematic units by similarity nuclei, based on thematic content analysis. 35 users participated in the study. After analyzing the genograms, together with the answers about them, it was possible to identify three categories, namely: (a) functional family relationships and close affective bonds; (b) dysfunctional and conflicting affective bonds; and (c) feelings of ambivalence regarding family relationships. The genogram in Art therapy can be a Psychosocial Rehabilitation tool aimed at users and / or their families, aiming at reducing the vulnerability of the disorder.

**Key words:** Art therapy. Family Relations. Mental Health Assistance. Substance-Related Disorders. Psychiatric Nursing.

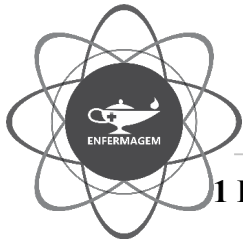
### RESUMEN

El objetivo de este estudio es describir las relaciones familiares desde el punto de vista de los drogadictos, a partir del diseño del genograma en Arteterapia. Estudio exploratorio y descriptivo de abordaje mixto, realizado en un Centro de Atención Psicossocial. Se utilizaron los siguientes instrumentos: diseño proyectivo y genograma, una encuesta sobre el diseño y/o genograma. Los datos obtenidos de los genogramas se organizaron y agruparon en unidades temáticas por núcleos de similitud, basados en análisis de contenido temático. 35 usuarios participaron en el estudio. Después de analizar los genogramas, junto con las respuestas sobre ellos, fue posible identificar tres categorías, a saber: (a) relaciones familiares funcionales y estrechos vínculos afectivos; (b) enlaces afectivos disfuncionales y conflictivos; y (c) sentimientos de ambivalencia con respecto a las relaciones familiares. El genograma en Arteterapia puede ser una herramienta de rehabilitación psicossocial dirigida a usuarios y / o sus familias, con el objetivo de reducir la vulnerabilidad del trastorno.

**Palabras clave:** Terapia con arte. Relaciones Familiares. Atención a la Salud Mental. Trastornos Relacionados con Sustancias. Enfermería Psiquiátrica.

<sup>1</sup> Doutora em Enfermagem Psiquiátrica pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Enfermeira e Arteterapeuta, registro n.001/01003 da Associação Brasil Central de Arteterapia. Professora Adjunto da Universidade de Brasília (UnB). Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: aclaudiaval@unb.br ou aclaudiaval@terra.com.br ou aclaudiaval@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Enfermagem pela UnB. Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: lilian98thais@hotmail.com



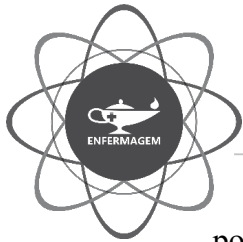
## 1 INTRODUÇÃO

A Reforma Psiquiátrica é a desconstrução desse antigo modelo, prevê a Reabilitação Psicossocial de pessoas com transtorno mental e tem-se centralizado em ações na substituição do modelo hegemônico de assistência em saúde, para um modelo de participação ativa de usuários, da família e da comunidade. A inserção psicossocial do sujeito na sociedade é um dos grandes desafios enfrentados pela Reforma Psiquiátrica, por torná-lo protagonista dos seus projetos de vida e valorizar a cidadania e a subjetividade do indivíduo. Dessa maneira, a Reabilitação Psicossocial prevê o estímulo à criação de habilidades e a recuperação de autonomia do sujeito para que possa inserir-se socialmente (AMARANTE, 1995).

Em resposta a essa movimentação no mundo da Psiquiatria surgem os primeiros Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) como alternativa trazida pela Reforma Psiquiátrica Brasileira à substituição do tratamento baseado na internação de indivíduos com transtorno mental. Os CAPS têm por função acolher e dar atenção às pessoas com transtornos mentais graves e persistentes, almejando preservar e fortalecer os laços psicossociais do usuário em seu território. A partir disso, nota-se que a assistência psiquiátrica deixa de significar o isolamento do usuário e passa a proporcionar a sua recuperação por meio do convívio social, a fim de que o indivíduo com transtorno mental seja capaz de realizar atividades de vida diária no coletivo (SNPD, 2017).

O núcleo familiar é a primeira rede social disponível para o usuário e, portanto, a família é a primeira intervenção em prol da reabilitação psicossocial do sujeito (FERREIRA; SAMPAIO; OLIVEIRA; GOMES, 2019). Compreende-se, então, que, no que concerne ao tratamento a partir do estabelecimento e fortalecimento de vínculos sociais, devem-se incluir também cuidados voltados às famílias desses indivíduos. Entretanto, conviver com pessoas com transtorno mental representa um desafio e envolve romper barreiras e preconceitos, por fazer emergir a capacidade flexível de lidar com as diferenças e criar formas de se relacionar com o outro (FONSECA; MARTINS; OLIVEIRA; LEÃO; RODRIGUES; OLIVEIRA, 2017).

Quando um indivíduo adoece, os núcleos familiares alteram sua estrutura, funções e papéis, pois é na família que são estabelecidos vários padrões de comportamento, valores morais, sociais, éticos, espirituais (SOCCOL; TERRA; GIRARDON-PERLINI; RIBEIRO; SILVA; CAMILLO, 2013). A família, segundo Fonseca, Martins, Oliveira, Leão, Rodrigues e Oliveira (2017), pode ser uma fonte de recursos humanos e materiais, capaz de produzir sentido, contratualidade e resolutividade ao sujeito adoecido pelas drogas, pois são agentes cruciais para a continuidade da adesão e sucesso do tratamento. Afinal, as famílias são responsáveis pela construção da personalidade, dos valores e dos padrões de comportamentos de seus membros (SELEGHIM; OLIVEIRA, 2014) e, por isso, atuam diretamente sobre o tratamento dos usuários. Dessa forma, a família pode ser um elo de inclusão importante dos dependentes de drogas na comunidade, na reorganização e no restabelecimento da pessoa na vida. Conhecer a realidade da dinâmica familiar pelo olhar do dependente de drogas é um dos cuidados em saúde mental.



O genograma é uma ferramenta clínica em saúde que representa graficamente a família por meio de símbolos preestabelecidos em um contexto familiar e funciona como “fotografia” psicossocial do indivíduo, do seu contexto familiar e da sua doença. Além disso, a utilização do genograma possibilita uma avaliação das relações, da funcionalidade dos grupos familiares e do grau de cuidado a que ele é submetido, além de identificar as fragilidades e potencialidades existentes nas famílias de usuários (SNPD, 2017). Conforme Borges Feldner, Daiane Cussolin, Nogueira Martins, Junia Felicidade e Carolina Camargo (2018), o genograma do Modelo de Calgary de Avaliação da Família considera os subsistemas individual, familiar e o suprassistema e baseia-se na perspectiva multidimensional da família, integrando as seguintes dimensões: estrutural, de desenvolvimento e funcional.

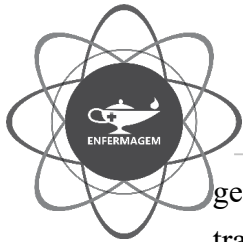
As técnicas expressivas artísticas, como o desenho em Arteterapia, são uma forma de escuta sensível, de atenção, de afeto e de respeito, facilitam a expressão de sentimentos, da mesma forma, evidenciam a projeção pessoal do momento atual de vida do seu autor dependente de drogas (VALLADARES-TORRES, LAGO, 2018).

Para subsidiar este estudo, foram elaboradas as seguintes questões norteadoras: Como é para os dependentes de drogas relacionarem-se com seus familiares? Quais os vínculos dos usuários com seus familiares? Qual é a dinâmica do relacionamento das pessoas que coabitam com os usuários? Como objetivo, propôs-se descrever as relações familiares na visão do dependente de drogas, a partir do desenho do genograma em Arteterapia, igualmente conhecer o perfil sociodemográfico, clínico e psiquiátrico dos participantes.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Este é um estudo exploratório e descritivo de abordagem mista, que visou a compreender as relações dos dependentes de drogas com suas respectivas famílias. Como família, neste estudo, foram consideradas as pessoas que coabitam com os participantes, isto é, indivíduos ligados por parentesco, por alianças, por adoção ou por afiliação. Trabalhou-se a influência dessas relações, conflituosas ou harmoniosas, sobre o sujeito adoecido pelo transtorno mental decorrente do uso abusivo e da dependência de drogas. Em particular, utilizou-se o desenho do genograma do Referencial Teórico o Modelo Calgary de Avaliação Familiar. Os dados foram obtidos no período de março a agosto 2019, desde a confecção do genograma até a consulta de prontuários.

Participaram do estudo 35 usuários do Centro de Atenção Psicossocial-álcool e outras drogas (CAPS-ad) III de uma região administrativa do Distrito Federal, adultos, de ambos os sexos, e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). E, como critérios de exclusão, os que não preencheram todos os instrumentos de avaliação ou que não tiveram condições físicas ou cognitivas de desenvolver os instrumentos de coleta de dados. Inicialmente, os usuários do CAPS-ad III foram convidados a participar de uma intervenção de “Arteterapia” na qual deveriam desenhar e construir, com auxílio dos pesquisadores, um



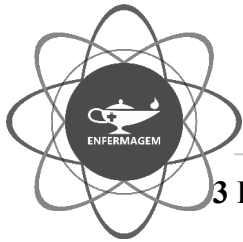
genograma de pessoas que coabitavam com ele. A consigna do desenho foi de que ele deveria transformar-se, bem como cada membro da família, em algum objeto ou elemento da natureza (mineral, vegetal ou animal).

Para o desenvolvimento do genograma, foram ofertados quadrados (masculino) e círculos (feminino) em papel sulfite branco, de tamanho mediano, já cortados previamente – para serem desenhados internamente. Já para o desenho, foram disponibilizados os materiais: lápis de cor, canetinhas hidrográficas e giz de cera. Depois, os círculos e/ou quadrados desenhados foram colados em uma cartolina na cor preta e foi montada estrutura do tipo genograma com caneta branca. Posteriormente, fez-se uma entrevista por meio de um questionário semiestruturado, para levantar os dados referentes ao desenho e/ou genograma. *No final, levantaram-se também os dados sociodemográficos, clínicos e psiquiátricos dos participantes.* Foram destinadas, aproximadamente, duas horas para a coleta de dados, que ocorreu de forma individual com cada participante.

Foi realizada uma análise compreensiva das imagens produzidas dentro do genograma e sua relação com o participante. A análise dos símbolos foi feita de acordo com o enfoque da Psicologia Analítica de C. G. Jung (FINCHER, 1991; FURTH, 2013), com o apoio de dicionário dos símbolos (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017) e dos pressupostos do autor de desenhos projetivos (RETONDO, 2000).

Agregaram-se as frequências de maneira descritiva e exploratória, separadas em quatro aspectos: (a) dados sociodemográficos; (b) vínculo com o serviço especializado; (c) vulnerabilidades clínicas e psiquiátricas e, finalmente, (d) o levantamento sobre os dados familiares. *Os dados obtidos a partir dos genogramas, em forma de símbolos (desenhos) e nas respostas verbais sobre o desenho foram analisados, organizados e agrupados em unidades temáticas por núcleos de similaridade.* Assim, os dados foram tratados a partir da análise de conteúdo temático (MINAYO, 2010). Desse modo, os temas identificados foram agregados em três eixos temáticos, a saber: (a) relações familiares funcionais e com vínculos afetivos próximos; (b) vínculos afetivos disfuncionais e conflituosos; e (c) sentimentos de ambivalência frente às relações familiares. Os resultados foram apresentados de forma discursiva, com a complementação da descrição dos casos e dos elementos gráficos presentes nos Genogramas.

Por se tratar de pesquisa com seres humanos, o presente estudo, que é um subprojeto do projeto intitulado: “A Arteterapia como dispositivo terapêutico nas toxicomanias” foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (CEP/FEPECS) sob o CAAE nº 44625915400005553. Assim sendo, os dados foram coletados após assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) pelos participantes. Quanto aos aspectos éticos, os nomes dos integrantes da pesquisa foram substituídos por nome de pedras ao longo do artigo, a fim de preservar seu anonimato.



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

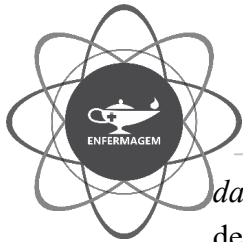
Entre os 35 participantes, prevaleceu o sexo masculino (85,7%); a faixa etária maior do que 40 anos de idade (60%), com uma média de idade de 42,8 anos; os autodeclarados pardos (60%); não desempenhando funções laborais (88,6%), tinham uma religião (85,7%) e baixa escolaridade (60%). As produções científicas nacionais caracterizam o perfil dos usuários dos CAPS-ad que fazem uso abusivo ou prejudicial de drogas de forma semelhante, geralmente são do sexo masculino, média de idade alta, pardos, sem ocupação, com alguma religião e baixa escolaridade (SILVA; TORREZAN; COSTA; GARCIA; TOLEDO, 2017). Com relação às drogas de dependência entre os participantes, avaliada de forma isolada ou combinada com o álcool (54,3%). A utilização prevalente do álcool está de acordo com o encontrado na literatura vigente nacional (SILVA; TORREZAN; COSTA; GARCIA; TOLEDO, 2017).

A amostra se apresenta, predominantemente, com participantes que já haviam sofrido vários tipos de violência — psicológica, verbal e física (acima de 85,7%), apresentaram várias tentativas de suicídio (62,9%), possuíam envolvimento com a Justiça (54,3%) e apresentavam várias comorbidades psiquiátricas (85,7%) e físicas (60%). Observaram-se traços depressivos em 62,9% dos participantes, possivelmente decorrentes do adoecimento psicossomático, em virtude da exposição à vulnerabilidade que envolve as toxicomanias. Segundo autores, existe uma estreita relação entre comportamento suicida, transtornos psiquiátricos e uso ou abuso de substâncias psicoativas, do mesmo modo, prevalência elevada de comorbidades psiquiátricas e de transtorno comportamental e, em específico, do transtorno depressivo maior (SILVA; TORREZAN; COSTA; GARCIA; TOLEDO, 2017). Nas toxicomanias, são pontuadas questões acerca da exclusão, da vulnerabilidade social e do envolvimento criminal (TOLEDO; GÓNGORA; BASTOS, 2017).

*Quanto à estrutura familiar, verificou-se maior número de pessoas sem companhia afetiva — solteiros e separados (74,3%), com um ou dois filhos (60%), sendo essa estrutura constituída por parentes (80%) em família nuclear (20%) e com núcleo familiar composto por duas a três pessoas, de duas gerações (54,3%) e diferentes configurações de família estendida (60%). O fato de serem solteiros e/ou com filhos assemelhou-se aos perfis encontrados nos demais serviços substitutivos de atenção a usuários de álcool e drogas do Brasil (SILVA; TORREZAN; COSTA; GARCIA; TOLEDO, 2017).*

Historicamente, a família nuclear tem sido a unidade familiar predominante na sociedade ocidental e é um termo usado para definir um grupo familiar composto por um casal de adultos que pode ter qualquer número de filhos (PINHO; SCHNEIDER; KANTORSKI; SINIAK; SILVA; MEDEIROS, 2019). Considerou-se, neste estudo, a inclusão de enteado e de padrasto. Contrasta com a família monoparental — formada por qualquer um dos pais e seus descendentes, a família estendida ou extensa — composta por avós, tios, primos e netos — ou a família com mais de dois pais encontrada em menor número entre os participantes. Foram encontradas, também, sete famílias unipessoais (20%) — família de uma pessoa só. Observou-se que, *apesar*





da faixa etária alta (média 42,8 anos de idade) entre os participantes, muitos ainda viviam e dependiam financeiramente e afetivamente da geração de ascendentes — pais e sogros.

De forma geral, nessas pessoas adictas, predominam vulnerabilidades físicas, emocionais, sociais e espirituais persistentes, anteriores ou posteriores à dependência de substâncias psicoativas. O comportamento, na dependência de drogas, é multifatorial e pode gerar muitas adversidades na vida dos sujeitos envolvidos em suas inúmeras dimensões (orgânica, social, econômica, cultural e religiosa), aspectos que dificultam a Reabilitação Psicossocial do sujeito. Já a superação das complicações exige uma decisão pessoal, um compromisso do usuário e da sua rede de apoio, incluindo a família. Dessa forma, o tipo de comportamento apresentado pelos adictos é único e pessoal e vai depender diretamente da relação que eles mantêm com a droga e da sua rede de proteção e vulnerabilidades (SILVA; GOMES; SILVA; BRAGA; CASTRO; SILVA, 2014).

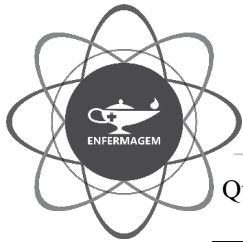
A partir dos genogramas, emergiram três categorias: em treze trabalhos (37,2%), observaram-se arranjos familiares funcionais e com vínculos afetivos próximos. Em onze estudos (31,4%) evidenciaram-se vínculos afetivos disfuncionais e conflituosos. Em onze trabalhos (31,4%), apontou-se sentimento de ambivalência e frente as relações familiares. As três categorias foram discutidas separadamente.

### **Relações familiares funcionais e com vínculos afetivos próximos**

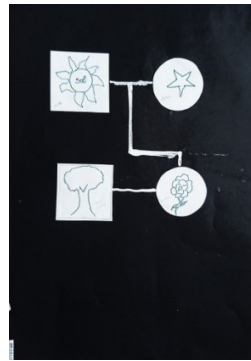
A primeira categoria nomeada abarca imagens e discursos sobre relações familiares funcionais, pautados em relações nomeadas pelos participantes como sendo seguras, saudáveis e de união. No Quadro 1 foram exemplificados dois genogramas de relações funcionais.

Os desenhos de *Diamante* são monocromáticos, representados pela cor verde, sem preenchimento interno e com traçado trêmulo, que pode indicar insegurança, medo e sensibilidade excessiva, comum em pessoas alcoolistas e depressivas (RETONDO, 2000) e o vazio das imagens pode sugerir uma energia limitada (FURTH, 2013). Em contrapartida, o verde pode simbolizar um *Ego* e um corpo saudável, em crescimento ou em renovação cíclica da vida, isto é, em um processo de cura psíquica (FINCHER, 1991).

Observou-se que os personagens de *Diamante* têm uma relação harmônica e natural entre si, sol e estrela – representam o dia e a noite, já árvore e flor – refletem a natureza vegetal. A árvore representa a Grande Mãe, aquela que alimenta e protege, está enraizada na terra, portanto extrai água do solo e alcança o céu e a eternidade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017). A árvore pode representar o *Self* em um processo de evolução (FINCHER, 1991). O sol denota a energia masculina, a luz e o calor. A estrela está associada ao simbolismo da soberania e da divindade, também ilumina e transpassa a obscuridade, simboliza a claridade projetada na noite inconsciente (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017). Se for uma estrela de cinco pontas, pode significar a subida em direção ao ponto de origem. A flor é o símbolo de uma vida nova, mas também acompanha um morto no túmulo (FINCHER, 1991).



Quadro 1 - Dois Genogramas que ilustram algumas características de imagens reveladoras de relações familiares funcionais e com vínculos afetivos próximos. Brasília, DF, Brasil, 2019.



Título: *A maré*

Autoria: *Diamante*, sexo masculino, autodeclarado pardo, 56 anos, Ensino Fundamental Incompleto, sem religião definida e sem vínculo empregatício, mas recebe benefício do INSS. Vivia com a esposa e os sogros, dependente de álcool e *cannabis*, tinha depressão, gastrite e informou já ter tido surto psicótico, com tempo de acompanhamento no serviço de um ano e quatro meses e atualmente em tratamento Intensivo no CAPS-ad, anteriormente refere ter sofrido agressão psicológica, verbal e física doméstica e por desconhecidos na adolescência e na fase adulta, comunicou uma tentativa de suicídio em 2018, mas nega envolvimento com a justiça.

História sobre o desenho: *A minha família é feliz, segura, amiga, forte e saudável, sempre me apoiou e esteve do meu lado. Desenhei meu sogro sendo o Sol, porque sempre foi uma luz na minha vida; minha sogra uma Estrela, pois é uma pessoa iluminada, eu sou a Árvore e minha esposa a Flor, pois nosso relacionamento sobreviveu a tantas dificuldades, doença e morte das duas filhas e a minha dependência química. A minha família foi formada há 25 anos e significa tudo para mim, divido o sustento com minha esposa, pois ambos, eu e ela, recebemos benefício do INSS por afastamento e vivemos na casa dos pais dela.*

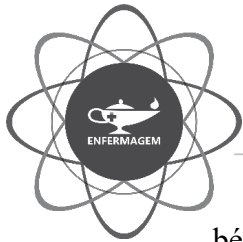


Título: *Natureza completa*

Autoria: *Sodalita*, sexo masculino, autodeclarado pardo, 47 anos, Ensino Superior Incompleto, católico não praticante, sem vínculo empregatício, separado pela segunda vez e tinha cinco filhos. Vivia com a mãe, era alcoolista e com diagnóstico de depressão, com tempo de acompanhamento no serviço há cinco dias e atualmente em tratamento no Acolhimento Integral no CAPS-ad, refere ter sido vítima de agressão física por parente próximo na fase adulta, nega tentativa e/ou ideação suicida anteriores e relata já ter tido passagem pela polícia.

História sobre o desenho: *Deus – o criador fez tudo perfeito: a minha família é feliz, segura e minha relação com minha mãe é tranquila. Meus pais se separaram há cinco anos e por serem alcoolistas na minha infância, meu pai agredia a minha mãe. Hoje minha mãe é meu tudo! Fui casado duas vezes, mas não deu certo, sou divorciado. Hoje ajudo a cuidar da minha mãe que tem diversas doenças crônicas.*

Na natureza, árvores e flores estão presentes de forma harmônica e estreita, junto com o sol e as estrelas. Uma família que sobreviveu a tantas perdas — morte das filhas e a própria dependência de drogas, e se mantém saudável, como observado na integridade de árvore desenhada, que representava o *Eu* de *Diamante*. Com a força e energia do sol, da luz da estrela sobre a escuridão e da vida nova emanada pela flor geraram a segurança e o apoio necessário para mantê-lo saudável diante das adversidades, pois seu autorretrato — árvore estava equilibrado (FURTH, 2013), mesmo diante das adversidades da vida, que geraram modificações e alterações na organização e no funcionamento da família e em seus processos de interação.



No desenho de *Sodalita*, as imagens são coloridas, em um único eixo mãe e filho. Também foi autorrepresentado por uma árvore e a mãe pelo sol, lua e flor. A árvore agora é frutífera, em um tronco forte, entretanto, há a presença de um fragmento preso ao tronco e as raízes estão bem visíveis no desenho.

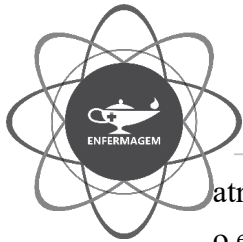
A árvore possui três áreas da personalidade humana, as raízes representam a vida instintiva e o contato com a realidade; o tronco revela a vida emocional diante das pressões ambientais e das tensões internas; e já a copa expõe a vida intelectual e social, as permutas com o ambiente, a busca de realizações e as fantasias. A ênfase das raízes no desenho pode indicar imaturidade, primitivismo e predomínio maior do lado instintivo do sujeito, medo de perder a objetividade, bem como a preocupação em desligar-se da realidade, visto que as raízes são a ligação com a terra (RETONDO, 2000). Acrescenta Fincher (1991), que as raízes, quando expostas, indicam que a pessoa pode estar sentindo-se insegura, desraigada ou vulnerável. Contudo, a árvore cheia de frutos, em adultos, pode sugerir e reforçar a fixação na infância ou na adolescência, além do desejo de ver resultados imediatos, impaciência e problemas com a autoimagem e com a autoestima (RETONDO, 2000). O galho partido preso ao troco pode simbolizar traumas anteriores (FINCHER, 1991).

Sol e lua desempenham um poderoso significado para a humanidade, pois brilham para todos. O sol traz a sua energia masculina, a luz e o calor e a lua, o mistério feminino e a criação. Juntos são símbolos de morte e de renascimento. O sol aquece a terra e amadurece a colheita e a lua, ao influenciar as águas, exerce controle sobre as marés. A flor é o símbolo do amor e da harmonia (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017). Adiciona Fincher (1991) que a flor representa a natureza efêmera da vida e a beleza, e sendo de cor vermelha, a mãe do *Sodalita*, está associada à vitalidade da vida com seu sangue e paixão. O sol, a lua e a flor juntos e representados pela mãe, podem trazer luz, segurança, amor e tranquilidade para a vida de *Sodalita*. Afinal, *Sodalita* aduz que sua mãe é seu tudo.

Quanto ao participante, ao enfatizar as raízes e expor os frutos na árvore no seu autorretrato, desenho representando a si mesmo, pode apontar certa imaturidade e insegurança, afinal, *Sodalita* retornou aos cuidados da mãe, mesmo tendo 47 anos, ser separado pela segunda vez e não cuidar diariamente dos seus cinco filhos. A preocupação em não desligar-se da realidade ou sua insegurança interna podem ser justificadas pelo alcoolismo, doença sobre a qual *Sodalita* não tinha total controle e das necessidades de não ser só cuidado e necessitar cuidar da mãe, agora mais idosa e com doenças crônicas. O galho partido preso ao troco pode ter associação com a agressão física sofrida anteriormente. Entretanto, os desenhos de *Sodalita* são coloridos e têm preenchimento interno, o que sugere vitalidade e interação com a vida, além do seu autorretrato (árvore) estar equilibrado (FURTH, 2013).

Para Pinho, Schneider, Kantorski, Siniak, Silva e Medeiros (2019), o processo de reabilitação de pessoas dependentes de drogas tem estreita relação com a família, que representa o acolher o indivíduo e atender às suas necessidades materiais e afetivas; nela ocorrem trocas saudáveis, o que traz um bem-estar geral. O cuidar em família pode ser reconhecido por meio de





atributos positivos, como a proteção e a orientação, o dar afeto, segurança, confiança e empatia, o estar presente, incluir, promover vida e bem-estar aos seus membros, assim, mesmo perante a dependência de drogas, é possível constatar famílias que conseguiram superar as diferenças, os estigmas e a desagregação e encontrar saídas saudáveis para se relacionarem. Algumas famílias, mesmo diante das adversidades, têm o papel de intermediação e conciliação e conseguem manter um ambiente harmonioso (SOCCOL; TERRA; GIRARDON-PERLINI; RIBEIRO; SILVA; CAMILLO, 2013).

Além dos usuários apresentados no Quadro 1, outros usuários que expuseram pontos positivos na relação familiar, tais como, que suas famílias eram felizes (11), seguras (12), amigas (10), saudáveis (9), fortes (11), tranquilas (1), cuidadoras (1), unida (1), trazem alegria (2), acolhedoras (1) e davam apoio (5), esperança (1), refúgio (1), carinho (1) e amor (2). Importante destacar, também, que, dos relatos positivos, dez (76,9%) deles viviam com a mãe (10), o que pode refletir que a família ascendente e, no caso, a mãe, é que dá verdadeiramente suporte mental e de sustento para os adictos.

### Vínculos afetivos disfuncionais e conflituosos

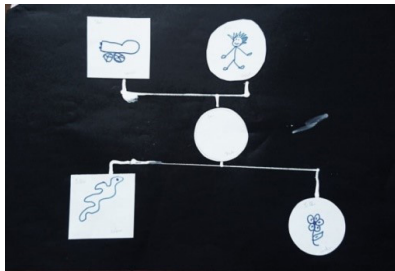
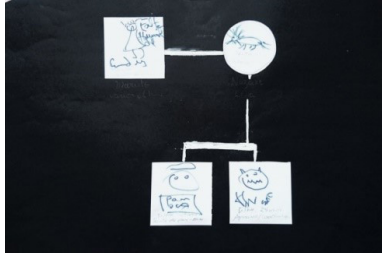
A segunda categoria foi ancorada de enunciados verbais e símbolos que refletem a convivência negativa e conflituosa com os familiares, aborda temas de desunião, brigas, perdas, falsidade, medo, fragilidade, conflitos, tristeza, periculosidade, inimizade, distância, solidão e rancor. Nos desenhos dos Genogramas apresentados pelo Quadro 2, a seguir, expõe dois Genogramas que ilustram essas relações familiares não saudáveis.

Nos desenhos de *Pirita* e *Quartzo Verde* observou-se que os personagens não têm uma relação natural entre si, no caso de *Quartzo Verde*, uma *Leoa* não tem relação com *Vários Olhos*, *Santo de Pau Oco* nem com o *Capetinha*. No caso de *Pirita*, o *Vazio* não se relaciona naturalmente com o *Carro*, o *Capeta*, a *Cobra* e a *Flor*. A não conexão entre as imagens denota confusão na dinâmica familiar (FURTH, 2013).

Ambos os desenhos foram pouco elaborados, têm pobreza de detalhes e são monocromáticos (azul-escuro) e sem preenchimento interno das imagens. Em especial, nos desenhos de *Quartzo Verde* faltam elementos essenciais nas imagens do *Santo de Pau Oco* (filho mais velho) como boca e nariz, e nos *Vários Olhos* (companheiro) um braço e as mãos, além das formas estarem distorcidas da realidade.

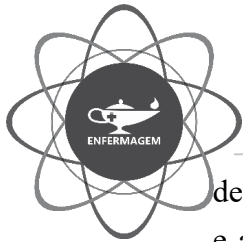
O conflito familiar na dependência de drogas é um importante estressor psicossocial e, muitas vezes, vinculado a práticas apoiadas por concepções higienistas e de exclusão (SILVA; TORREZAN; COSTA; GARCIA; TOLEDO, 2017). Além disso, frequentemente, a família tem uma representação social negativa do adicto, familiares veem a pessoa dependente de drogas como fraca, com índole duvidosa e perturbadora da ordem pública, que deve ser vigiada e não merece crédito (MELO; MACIEL, 2016). A família, muitas vezes, reproduz, no ambiente doméstico, a mesma exclusão e estigma social vivenciados pelo dependente na comunidade e assim, observa, pune, cerceia a liberdade do doente – como ilustrado no caso de *Quartzo Verde*.

Quadro 2 - Dois Genogramas que ilustram algumas características de imagens reveladoras de vínculos afetivos disfuncionais e conflituosos. Brasília, DF, Brasil, 2019.


<p>Título: Sem título</p> <p>Autoria: <i>Pirita</i>, sexo feminino, autodeclarada parda, 40 anos, Ensino Superior Completo, sem religião definida e sem vínculo empregatício, vivia com os pais e com dois filhos, alcoolista, tinha depressão, hipertensão arterial e informou já ter tido surto psicótico, com tempo de acompanhamento no serviço há três anos e atualmente em tratamento Intensivo no CAPS-ad. Anteriormente, refere ter sofrido violência psicológica, verbal, física e sexual doméstica e por desconhecidos na adolescência e na fase adulta, bem como informou várias tentativas de suicídio anteriores, ademais narrou já ter tido envolvimento com a Justiça.</p> <p>História sobre o desenho: <i>A minha família é triste, meio perigosa e meio segura, me traz medo, às vezes é forte e muito conflituosa e não tem união. Meu pai representa um Carro, a minha mãe o Capeta, eu sou o Nada (vazio), meu filho é uma Cobra e minha filha o Jardim (flor). A família me faz lembrar a flor, antes do alcoolismo, a minha família já tinha conflitos e depois do alcoolismo tudo piorou ainda mais. Eu tenho muitos atritos com meu pai e com minha filha. Eu e minha mãe somos as chefes da família, a minha filha trabalha e estuda já os homens da casa (pai e filho) não fazem nada.</i></p>

<p>Título: <i>Família solitária</i></p> <p>Autoria: <i>Quartzo Verde</i>, sexo feminino, autodeclarada parda, 56 anos, Ensino Fundamental incompleto, evangélica praticante, sem vínculo empregatício, vivia com o companheiro atual e com dois filhos do relacionamento anterior, diagnosticada de dependente de álcool e de crack e bipolaridade, com tempo de acompanhamento no serviço há seis anos e atualmente em tratamento semi-intensivo no CAPS-ad, mencionou ter sofrido violência psicológica, verbal, física e sexual na fase adulta por desconhecidos e já ter tido tentativa de suicídio anterior, nega envolvimento com a Justiça.</p> <p>História sobre o desenho: <i>A minha família é triste e cada um fica no seu canto. Meu companheiro é os Vários Olhos, porque ele só me julga e me critica o tempo todo e se coloca sempre de vítima da situação; o meu filho mais velho é o Santo do Pau Oco, porque ele é pastor, mas é também autoritário e não confia em mim; e o meu filho mais novo é o Capetinha, pois é usuário de maconha, ciumento e não gosta do padrasto. Já eu, sou a Leoa, pois sou brigona, lutadora, a matriarca da família. Tenho esperança de parar de usar drogas e muita motivação para viver.</i></p>

A cor azul sugere a clama, tranquilidade e paz, contudo, as tonalidades escuras podem lembrar o céu noturno e imenso, um mar tempestuoso e as trevas interiores: inconsciente, sono e morte. Pode ser constatada em pessoas que passaram por experiências difíceis na infância que resultaram em falta de confiança materna ou se relacionaram com alguma experiência dolorosa ligada com a noite escura da alma, como sentimentos de depressão, de perda e de confusão (FINCHER, 1991).

Desenhos esses que sinalizam, concomitantemente, uma desvitalização da relação familiar e até dela própria – vazio (RETONDO, 2000). Complementa Furth (2013) que o desenho vazio pode indicar que existe pouca energia psíquica e pouca interação com a vida. No desenho



de *Pirita*, o vazio pode simbolizar libertar-se do turbilhão de imagens, de desejos e de emoções, e afastar-se das experiências efêmeras para sentir a sede do absoluto, um caminho mais em direção ao interior e da verdadeira vida (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017). O vazio é o estágio um, o começo e a dualidade, da separação entre opostos: entre trevas e luz, o Bem e o Mal, o masculino e o feminino, momento que antecede a cor da existência humana e a origem de um novo ciclo de evolução (FINCHER, 1991).

O carro, que representa o pai, pode significar um conjunto de forças cósmicas e psíquicas a conduzir, a consciência, a natureza física do homem, seus apetites, seu duplo instinto de conservação e de destruição, suas paixões inferiores, seus poderes de ordem material, às vezes, ocupações fúteis e vãs. A serpente ou cobra pode simbolizar a psique inferior, o psiquismo obscuro, incompreensível e misterioso. A flor representa o princípio passivo, pode representar vida nova, símbolo do amor e da harmonia e o arquétipo da alma (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017). A flor azul é o simbolismo de sonhadora irrealidade (FINCHER, 1991).

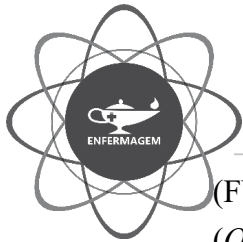
Assim, *Pirita* que estava vivendo em direção ao seu interior, poderia estar frustrada frente a família, pois, conforme o simbolismo do pai (carro) é materialista, o filho (cobra) é incompreensível e a filha (flor azul) é um espírito sonhador irreal. Aspectos que enfatizam a não ligação entre as pessoas que habitam juntas.

No desenho de *Quartzo Verde*, o símbolo da leoa — fêmea do leão — representa o poder, a sabedoria, a justiça e o espírito de luta como qualidades e, por outro lado, o excesso de orgulho e de confiança em si mesma faz dela uma soberana, que, ofuscada pelo próprio poder, cega pela própria luz, transforma-se em tirana, crendo-se protetora (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017).

Isso pode indicar que a leoa (*Quartzo Verde*), a matriarca da família, pode estar reprimindo a voz do *Santo de Pau Oco* (filho mais velho) – pela ausência da boca e tirando a autoridade e autonomia de *Vários Olhos* (companheiro) – pela falta de braço e de mãos na imagem. Além disso, os olhos representam o contato com o mundo exterior, a percepção da realidade e o controle. Os olhos são o espelho da alma, podem expressar amor e compaixão, bem como, hostilidade e desprezo (RETONDO, 2000). Os vários olhos podem simbolizar o inconsciente e seus mistérios de captar informações por toda parte e expressar a sensação de ser observado (FINCHER, 1991).

A rotina da família é caracterizada por atitudes individualistas, o que reforça a desunião e o convívio entre os membros, além de existir uma cobrança pela família para a cessação com a dependência alcoólica. A ação de vigiar é, frequentemente, expresso por alguns familiares como uma forma errônea de cuidar, com o objetivo de obter controle e proteger os adictos tanto do consumo de substâncias, como de agressões a que podem estar expostos nas ruas (SOCCOL; TERRA; GIRARDON-PERLINI; RIBEIRO; SILVA; CAMILLO, 2013).

No desenho de *Quartzo Verde* também surgiram palavras nas imagens, que mesmo mal definidas e confusas, definem de forma mais clara a ideia do que está querendo ser transmitido, às vezes referenciadas por pessoas que foram mal interpretadas ou não confiantes no passado



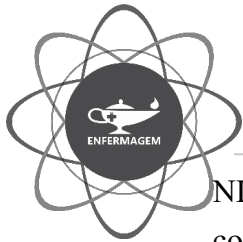
(FURTH, 2013). O capeta (diabo) ora representado pela mãe (*Pirita*), ora pelo filho mais novo (*Quartzo Verde*), remete às forças que perturbam ou desintegram a personalidade ao enfraquecerem a consciência, levando-se em direção ao indeterminado e ao ambivalente, em oposição a Deus que é o centro da luz, que busca a reunir e integrar (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017).

Quando se instaura o quadro de dependência de drogas, os sujeitos começam a vivenciar várias perdas nas diferentes etapas de suas vidas, tais como: vínculo familiar, autoestima, emprego, o respeito e a confiança da comunidade e alguns direitos. Assim, as histórias familiares de dependentes de drogas são pautadas de dor, sofrimento, desentendimentos e fragilização no âmago da dinâmica familiar. O cuidado familiar exige esforço de seus membros para conseguir manter os vínculos e as atividades cotidianas, além do desgaste ocasionado pelas consequências das substâncias psicoativas (TUCCI; OLIVEIRA, 2019).

Poder representar essas histórias no papel permite que a energia emocional estagnada possa fluir e seja ressignificada, em especial intermediada pela criatividade e pelo lúdico em Arteterapia. As imagens inseridas no genograma permitem a percepção de conteúdos do inconsciente, assim como do aflorar das sombras, para serem elaborados e ressignificados de forma construtiva e saudável com a integração da psique (FUSSI, 2017; VALLADARES-TORRES; LAGO, 2018).

Outro aspecto de destaque em relação à categoria dos vínculos afetivos disfuncionais e conflituosos é que dos onze representantes deste grupo, sete (63,6%) viviam com o cônjuge e os filhos (6) ou com filho (1), e quatro participantes (36,4%) viviam sozinhos (4). Foi evidenciado por todos os participantes da pesquisa que a causa dos conflitos e rompimento nas relações familiares foi decorrente das consequências suscitadas pela dependência das drogas. Os participantes também revelaram que existia uma cobrança por parte dos cônjuges e dos filhos sobre o papel de cuidador e de sustentador da casa e, por causa da adicção, os participantes não conseguiam cumprir com essas tarefas.

A literatura sugere a dependência de drogas, frequentemente, implica alterações na organização e no funcionamento familiar e nos processos de interação entre seus membros (FONSECA; MARTINS; OLIVEIRA; LEÃO; RODRIGUES; OLIVEIRA, 2017; PINHO; SCHNEIDER; KANTORSKI; SINIAK; SILVA; MEDEIROS, 2019) e experimentam danos nos planos emocionais e materiais, assim como na organização interna da dinâmica familiar que poderá gerar distúrbios e desabilitações psicossociais (TUCCI; OLIVEIRA, 2019). Especialmente quando a pessoa que tem dependência de drogas é responsável pelos cuidados diretos com os filhos (família descendentes) e cônjuge — nos aspectos afetivos, físicos, da rotina da casa, e financeiro, a situação da dinâmica familiar se tornava mais desorganizada e conflituosa. Situação diferente da categoria anterior, em que não existia essa cobrança, os personagens não cuidavam de pessoas e, sim, eram cuidados. Muitos filhos de dependentes de drogas adotam papéis invertidos de cuidados afetivos e financeiros e, assim, assumem responsabilidades precocemente, sem estarem preparados emocionalmente para tal (SOCCOL; TERRA; GIRARDON-PERLI-



NI; RIBEIRO; SILVA; CAMILLO, 2013). Ou, ainda, que a situação familiar era tão difícil à convivência que optaram por viver sozinhos. Ficou evidente que a adicção gerava conflitos e antagonismos na partilha por um espaço comum e, frequentemente, quando o ambiente não era propício a uma relação de boa qualidade e de apoio, a dissolução da família poderia ser uma opção viável.

Em relação às outras alegações negativas apresentadas pelos participantes, podem-se destacar: família era frágil (5), desunida (2), conflituosa (8), triste (7), perigosa (2), sem sentido (2), complicada (1), gerava medo e ansiedade (6) e as pessoas eram falsas (2) ou distantes (4).

### Sentimento de ambivalência diante das relações familiares

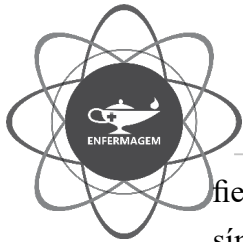
A terceira categoria traz, nas declarações verbais e na simbologia dos desenhos, conteúdos de ambivalência perante as relações familiares, ora saudável e ora disfuncional, como exemplificado no Quadro 3. Ao mesmo que tempo em que são expressos sentimentos positivos, são apresentados pontos de vulnerabilidade.

Quadro 3 - Um Genograma que ilustra algumas características de imagens reveladoras de sentimentos de ambivalência. Brasília, DF, Brasil, 2019.

<p>Título: <i>Buscando uma boa memória</i></p> <p>Autoria: <i>Hematita</i>, sexo masculino, autodeclarado pardo, 45 anos, Ensino Fundamental completo, espírita praticante, possuía emprego - mas informal, vivia com a esposa e com dois filhos, diagnóstico de dependência de álcool e <i>cannabis</i>, depressão, ansiedade e comportamento violento, com tempo de acompanhamento no serviço há quatro anos e, atualmente, em tratamento Intensivo no CAPS-ad, explanou ter sido vítima de violência psicológica, verbal e física na fase adulta doméstica e por desconhecidos na rua, também alegou várias tentativas e ideação suicida anteriores, refere ter tido envolvimento com a Justiça.</p> <p>História sobre o desenho: <i>A minha família era feliz, segura, amiga, forte e saudável, mas a minha ansiedade e o álcool acabaram com tudo. Minha relação com a família é pesada e tenho responsabilidade por tudo. Mas tenho um sentimento bom de família e de esperança. Eu (Cachorro) vivo com minha esposa (Ursinho de pelúcia) de 41 anos, um filho (Jogador de futebol) de 23 anos e uma filha (Pizza de frango) de 14 anos.</i></p>

O desenho de *Hematita* é monocromático (azul-escuro) e sem preenchimento interno das imagens, predominaram imagens pouco elaboradas e a pobreza de detalhes que sinalizam um decréscimo de energia psíquica. A cor azul escura, como já foi mencionado, pode estar relacionada com alguma experiência traumática e com sentimentos de depressão, de perda e de confusão (FINCHER, 1991). O cachorro abrange um significado de aspectos antagônicos ou ambivalentes, está estritamente relacionado com o ser humano, ao mesmo tempo, companheiro





fiel e prestativo ou pode adquirir significado de bestialidade, intermediário de vivos e mortos, símbolos da inveja, da ira e da tentação do mal, mas também da fé e da lealdade. Na mitologia grega os brinquedos, no caso o urso de pelúcia, eram símbolos das tentações (FINCHER, 1991; CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017).

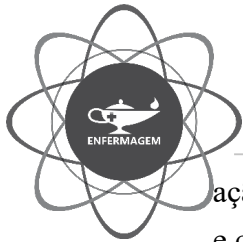
Apesar de serem imagens que se relacionam entre si, não são da mesma natureza, uma do reino animal (Cachorro-autorretrato), pessoa (Jogador de futebol - filho), um brinquedo (Ursinho de pelúcia - esposa) e um alimento (Pizza de frango - filha). Os três elementos: cão, brinquedo e pizza têm relação de superficialidade perante a vida, além de o brinquedo e a pizza estarem ligados com a tentação. Assim, os elementos demonstram certa dificuldade na relação familiar.

A esse respeito, a literatura evidencia que, nos Estágios de Mudança de Prochaska; Di-Clemente; Norcross (1992), o Estágio 2 de Contemplação, a ambivalência ou dualidades de sentimentos, condutas e comportamentos estão presentes nas verbalizações dos usuários. O que evidencia que os participantes selecionados nessa categoria se encontravam no Estágio de Contemplação. Outras explanações de ambivalência em seus trabalhos foram apresentados a seguir: família dava segurança e/ou era feliz, porém ao mesmo tempo, gerava medo e/ou era conflituosa (10).

A análise dos resultados revelou que, por meio dos desenhos do Genograma em Arteterapia, é possível ao público adicto revelar seus sentimentos e suas relações familiares, baseado na utilização de um modelo de instrumento que privilegia o lúdico e o processo criativo. Houve o reconhecimento do contexto familiar dos participantes com sua estrutura, desenvolvimento e funcionalidade. Ficaram evidenciadas fragilidades e pontos saudáveis nos vínculos familiares.

Observou-se, por meio deste estudo, que cada família tem um perfil e uma forma própria de se relacionar interpessoalmente, mesmo diante do mesmo transtorno — dependência de drogas. O tempo de gerenciamento do Projeto Terapêutico Singular dos casos índices estudados não significou um fator de impacto das relações familiares. De acordo com os autores Tucci e Oliveira (2019), cuidar do outro significa respeitar as diferenças e limitações, representa estar junto, atento, disposto e disponível para ajudar as pessoas adoecidas pela adição a encontrar sentido na vida e se estabelecer socialmente. Além do que, a família é um espaço complexo, dinâmico e subjetivo.

Ao elaborar histórias e/ou conflitos familiares por meio do genograma, que representa o uso de recursos mais livres dentro de dispositivos de intervenção clínica, facilita a emersão de conteúdos inconscientes transmitidos entre as gerações. O genograma pode também favorecer a construção de novas formas de vinculação, familiar e social. Dessa forma, a avaliação estrutural e funcional de famílias de dependentes de drogas pode propiciar conhecimento para processos de promoção, tratamento e recuperação da saúde e, assim, restabelecer as relações familiares fragilizadas (TUCCI; OLIVEIRA, 2019). Quanto à iniciativa de representação de um desenho do genograma sobre as relações familiares, mediante a representação de símbolos e verbalização sobre ele, facilita a compreensão das dimensões avaliadas, caracterizou-se como



ação de intervenção propositiva à construção de novos arranjos de intervenção — mais lúdicos e criativos.

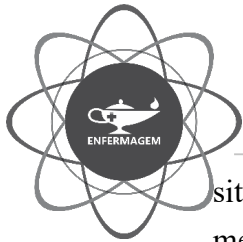
O genograma em Arteterapia permite um diálogo mais ampliado das relações familiares e os sentimentos são trazidos à tona para serem restaurados, como um canal de comunicação ao ser concretizado. O genograma na Arteterapia leva a uma leitura simbólica da imagem, que a imagem e os conteúdos internos intrínsecos ao serem projetados no papel, permitem a sua ressignificação e o autor vivencia a própria experiência. O desenho do genograma em Arteterapia favorece a inclusão do sujeito, seja em sua valorização pessoal, familiar ou ao se perceber pertencendo aos relacionamentos familiares. Além de ser um exercício de tolerância e de fortalecimento de vínculos positivos com os profissionais de saúde, pois os participantes puderam dividir suas dores, seus segredos e suas alegrias (FUSSE, 2017).

Este estudo buscou criar um novo caminho para que, de forma lúdica, o sujeito pudesse expor e perceber seus desejos, demandas e sentimentos em relação à dinâmica familiar e, só partir daí, minimizar os conflitos nessas relações. Aspecto que almeja a promoção da saúde mental e a reabilitação psicossocial do sujeito. Assim, a Arteterapia pode agir em prol da reorganização emocional e da promoção da qualidade de vida de adictos (SOARES; ROLIN; MACHADO; RAMOS; RAMPAZZO, 2019). A arte, como mediadora do genograma, pode constituir uma escuta reflexiva e um tipo de experiência criativa, afetiva, polissêmica que dê vazão aos conteúdos do inconsciente do sujeito. Percebe-se, ainda, que essa ferramenta investiga as necessidades individuais de cada sujeito como guia do tratamento.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Intervir em saúde mental na Reabilitação Psicossocial significa, sobretudo, estar atento à realidade dos usuários, acolhê-los e escutá-los nas suas angústias, demandas, sentimentos. Cabe ao serviço inserir atividades voltadas aos familiares e/ou investigar as relações familiares com as quais os usuários convivem, possibilitando uma assistência integrada e compartilhada nesse setor. As famílias dos dependentes de drogas adoecem e é preciso realizar um trabalho coletivo — usuário e familiares — para estimular a autonomia de ambos e, assim, fortalecer as redes sociais de cuidado aos adictos. Para garantir que os familiares possam assumir seus papéis de suporte emocional no convívio com as pessoas adictas, é fundamental que se estabeleça um espaço de partilha dessas relações, tanto para o adicto quanto para seus familiares e, assim, desenvolver, inicialmente, um diagnóstico da situação e, posteriormente, trabalhar positivamente em prol da mudança de comportamento da dinâmica familiar.

Dessa forma, o genograma em Arteterapia — proposto neste estudo — pode integrar o programa de Reabilitação Psicossocial dirigido aos usuários e/ou seus familiares, por meio de intervenções individuais ou coletivas, que objetivem a diminuição da vulnerabilidade do transtorno. Pode ser uma ferramenta inicial que protagonize familiares e usuários nos cuidados em saúde mental e na busca de solução para enfrentar seus problemas ao indicar o diagnóstico

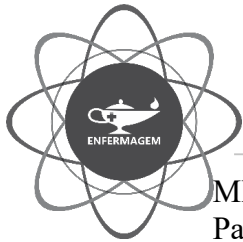


situacional das relações familiares. Apesar de limitações da amostra e de um serviço de saúde mental, o estudo apresentado contribui potencialmente para orientar e replicar essa ferramenta nos serviços de saúde, pois existem poucos estudos que abordaram o desenho em Arteterapia no genograma. Sendo assim, esta pesquisa representa uma prática intervencionista piloto em saúde mental, que viabiliza contribuir para a ampliação das ações de avaliação das relações intrafamiliares pelos profissionais de saúde.

Doravante, orienta-se o empreendimento de pesquisas futuras que avaliem o impacto dessa intervenção junto aos outros membros familiares dos casos estudados, como também, seja realizada uma intervenção familiar coletiva. Aspectos que visam a melhorar a compreensão da dinâmica familiar em múltiplos olhares e, juntos – usuário e familiar, apresentarem estratégias de mudança em prol de melhorar a qualidade de vida e do bem-estar dos sujeitos adoecidos, tornando-os protagonistas do processo de cura.

## REFERÊNCIAS

- AMARANTE, P. Novos sujeitos, novos direitos: o debate em torno da Reforma Psiquiátrica. **Cadernos de Saúde Pública**. 1995, v.11, n.3, p.491-4.
- BORGES FELDNER, C.; DAIANE CUSSOLIN, F.; NOGUEIRA MARTINS, L. C.; JUNIA FELICIDADE, P.; CAROLINA CAMARGO, F. A prática da abordagem familiar em contexto de cuidados primários: estudo de caso comparado. **Cult. cuid.** 2018, v.22, n.52, p.142-52. Disponível em: [https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/85354/1/CultCuid\\_52-142-152.pdf](https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/85354/1/CultCuid_52-142-152.pdf)
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.
- FERREIRA, T. P. S.; SAMPAIO, J.; OLIVEIRA, I. L.; GOMES, L. B. A família no cuidado em saúde mental: desafios para a produção de vidas. **Saúde debate**. 2019, v.43, n.121, p.441-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v43n121/0103-1104-sdeb-43-121-0441.pdf>
- FINCHER, S. F. **O autoconhecimento através das mandalas**. São Paulo: Pensamento, 1991.
- FONSECA, F. F.; MARTINS, M. C.; OLIVEIRA, J. L.; LEÃO, C. D. A.; RODRIGUES, C. A. Q.; OLIVEIRA, H. M. D. Family approach in primary care in mental health: experience report. **Rev. enferm. UFPE on line**. 2017, v.11, n.supl.1, p.449-57. Available from: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/13575/16374>
- FURTH, G. M. **O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte**. 5.reimpr. São Paulo: Paulus; 2013.
- FUSSI, F. E. C. A Arteterapia delineando novos caminhos: facilitar a integração pessoal e familiar por meio do genograma. **Rev Transdisciplinar**. 2017, v.9, n.9, p.178-83.
- MELO, J. R. F.; MACIEL, S. C. Representação social do usuário de drogas na perspectiva de dependentes químicos. **Psicol. cienc. Prof.** 2016, v.36, n.1, p.76-87. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n1/1982-3703-pcp-36-1-0076.pdf>



MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10 ed. São Paulo: Hucitec; 2010.

PINHO, L. B.; SCHNEIDER, J. F.; KANTORSKI, L. P.; SINIAK, D. S.; SILVA, A. B.; MEDEIROS, R. G. Material support, Family and care towards crack users. **Rev. Pesqui.** (Univ. Fed. Estado Rio J., Online). 2019, v.11, n.5, p.1236-41. Available from: <http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/7417/pdf>

PROCHASKA, J. A.; DICLEMENTE, C. C.; NORCROSS, J. C. In search of how people change: applications to addictive behaviour. **Am Psychol.** 1992, v.7, n.9, p.1102-14.

RETONDO, M. F. N. G. **Manual prático de avaliação do HTP (casa-árvore-pessoa) e família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SELEGHIM, M. R.; OLIVEIRA, M. L. F. Estrutura, relações e antecedentes do uso de drogas em famílias de usuários de crack. **Rev Eletrônica Enfer.** 2014, v.6, n.3, p.527-34. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/21282>

SILVA, D. L. S.; TORREZAN, M. B.; COSTA, J. V.; GARCIA, A. P. R. F.; TOLEDO, V. P. Profile sociodemographic and epidemiologic of users of a psychosocial care center alcohol and drugs. **Rev Enferm Atenção Saúde** [Online]. 2017, v.6, n.1, p.67-79. Available from: [http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/1659/pdf\\_1](http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/1659/pdf_1)

SILVA, E. F.; GOMES, A. L. C.; SILVA, L. R.; BRAGA, J. E. F.; CASTRO, M. M.; SILVA, M. F. R. Experiências de usuários de Caps-Ad com o uso abusivo de drogas em João Pessoa-PB. **Rev. Pesqui.** (Univ. Fed. Estado Rio J., Online). 2014, v.6, n.Ed. Supl., p.1-17. Disponível em: <file:///C:/Users/User%20Lenovo/Downloads/5822-29241-1-PB.pdf>

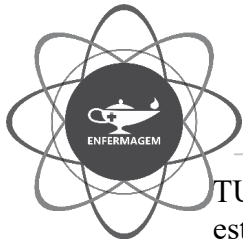
SILVA, N. G.; BARROS, S.; AZEVEDO, F. C.; BATISTA, L. E.; POLICARPO, V. C. The race/color variable in studies of characterization of the users of Psychosocial Care Centers. **Saúde Soc.** 2017, v.26, n.1, p.100-14. Available from: [http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v26n1/en\\_1984-0470-sausoc-26-01-00100.pdf](http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v26n1/en_1984-0470-sausoc-26-01-00100.pdf)

SNPD - Secretaria Nacional de Políticas sobre drogas. **O uso de substâncias psicoativas no Brasil**. 11. ed. Brasília: SUPERA, 2017. Módulo 1.

SOARES, M. H.; ROLIN, T. F. C.; MACHADO, F. P.; RAMOS, L. K. F.; RAMPAZZO, A. R. P. Impact of brief intervention and art therapy for alcohol users. **Rev. Bras. Enferm.** 2019, v.72, n.6, p.1485-9. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v72n6/0034-7167-reben-72-06-1485.pdf>

SOCOL, K. L. S.; TERRA, M. G.; GIRARDON-PERLINI, N. M. O.; RIBEIRO, D. B.; SILVA, C. T.; CAMILLO, L. A. Cuidado familiar ao indivíduo dependente de álcool e outras drogas. **Rev Rene.** 2013, v.4, n.3, p.549-57.

TOLEDO, L.; GÓNGORA, A.; BASTOS, F. I. P. M. À margem: uso de crack, desvio, criminalização e exclusão social - uma revisão narrativa. **Ciênc. Saúde Colet.** 2017, v.2, n.1, p.31-42. Disponível em: [https://scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232017000100031](https://scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017000100031)



TUCCI, B. F. M.; OLIVEIRA, M. L. F. Famílias de usuários de bebida alcoólica: aspectos estruturais e funcionais fundamentados no Modelo Calgary. **Rev Rene (Online)**. 2019, v.20, n.1, p.e40226. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/40226/pdf>

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; LAGO, D. M. S. K. Imaginário de dependentes de drogas sobre desenho projetivo/colagem da árvore em Arteterapia – estudos de caso. **Rev Científica Arteterapia Cores da Vida**. 2018, v.25, n.2, p.38-52. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>

Recebido em: 05/08/2020  
Aceito em: 27/08/2020  
Publicado em: 12/2020